Disseminação do modo industrial em cidades pequenas paulistas

DOI: 10.54446/bcg.v13i1.2985

Eliseu Savério Sposito[1]*; Paulo Fernando Jurado da Silva*[2]*;*
Giovane Silveira da Silveira[3]

Resumo

Entender as cidades pequenas é fato fundamental para a leitura do território brasileiro, que abriga importante quociente de municípios com essa característica. Diferentes estudos foram empreendidos na área, algo que o presente estudo amplia ao demarcar essa compreensão conceitual, levando-se em consideração a realidade socioespacial do estado de São Paulo. Assim, o texto tem como objetivo principal debater as cidades pequenas a partir da ideia conceitual de disseminação do modo de produção industrial. Para tanto, a pesquisa consistiu no levantamento e revisão bibliográfica, coleta e análise de dados secundários sobre o assunto (especialmente estabelecimentos e vínculos empregatícios na indústria). Os resultados ressaltam que a presença de estabelecimentos industriais nas cidades pequenas é fato marcante, mas que as características relacionadas a essa dinâmica apresentam condicionantes particulares que precisam ser levados em conta.

PALAVRAS-CHAVE: cidades pequenas, disseminação da produção industrial, território, São Paulo, estabelecimentos industriais.

1 Professor titular aposentado da Universidade Estadual Paulista (Unesp – campus Presidente Prudente), doutor e mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e graduado em Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente. E-mail: essposito@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2340-9290.

2 Professor na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS – Campo Grande), doutor, mestre e graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp – Presidente Prudente). E-mail: pfjurado@uems.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3325-6451.

3 Professor na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS – Ponta Porã), doutor em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e graduado em Ciências Econômicas pela mesma instituição. E-mail: giovane.geoeconomia@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7062-671X.

Introdução

A dinâmica industrial paulista é reveladora de complexidade e diversidade. Não se trata de um fenômeno simples e homogêneo, especialmente quando se leva em consideração a unidade da federação mais populosa e com maior relevância econômica do Brasil. Há vários estudos que procuram entender esse quadro, mas sem levar em consideração, na maioria das vezes, a realidade socioespacial das regiões com menor densidade econômica e técnica, o que necessita ser melhor explorado.

São Paulo, a partir do processo de ampliação da industrialização, assumiu o papel de comando da economia nacional, canalizando investimentos em diversas áreas, como aquelas do setor automobilístico e petroquímico (SUZIGAN, 2000). Na metrópole e no seu entorno imediato, pode-se observar um amplo processo de industrialização. Mas no interior, em áreas mais afastadas da capital, a exemplo da Região Administrativa de Presidente Prudente, isso é visto de outra maneira, sendo tratada por alguns autores como resultado de um processo de "disseminação/difusão do modo de produção industrial", a que se referiu Jurado da Silva (2011) e Sposito (2014), especialmente, se levado em consideração o caso do Oeste Paulista.

Jurado da Silva (2011, p. 150-151), nesse aspecto, destacou que:

> (...) a ideia geográfica de difusão espacial da produção industrial se associa ao processo de industrialização, mas representa um processo específico de instalação industrial em caráter não adensado, o que não significa conter sociologicamente a expressão que acompanha a industrialização, ou seja, o industrialismo. Não se pode, desse modo, reconhecer a difusão espacial da produção industrial em momento pré-técnico, mas essa deve ser contextualizada historicamente sob o domínio da técnica, da ciência e mais presentemente da informação.

Isso não significa negar que há a instalação industrial nessa região, mas é preciso lembrar que ela apresenta outros condicionantes, cujas características são mais rarefeitas. Possuem, por sua vez, um perfil pontual e seletivo, relacionadas aos setores mais tradicionais da indústria, isto é, mais básicos como alimentos e bebidas, por exemplo, sem que isso tenha gerado polos de crescimento, na perspectiva teórica defendida por Boudeville (1967) e Perroux (1968). Por outro lado, é preciso destacar que esse modelo de instalação industrial não é único no caso das cidades pequenas, havendo uma diversidade expressiva.

Há, portanto, que se perguntar, inicialmente, qual região em que tal processo de instalação industrial ocorre, tendo em vista que as áreas mais afastadas da capital tendem a apresentar uma dinâmica econômica e populacional menor se comparada à metrópole e ao seu respectivo entorno. Reconhecer essas diferentes formas de inserção industrial apontam, então, para considerar que os ramos da indústria podem ser mais complexos e com maior grau de incorporação tecnológica, dependendo do

papel que tais localidades ocupam na divisão territorial do trabalho. Assim, a ideia de disseminação do modo industrial de produção possui contradições, resultantes do desenvolvimento desigual das forças produtivas no território.

Nesse sentido, o texto toma como objetivo central o debate da dinâmica industrial no contexto das cidades pequenas do interior de São Paulo, no tempo presente. Visando responder a tal proposição, a investigação contou com o levantamento e a revisão bibliográfica sobre o assunto, bem como pesquisa de dados secundários a respeito, o que inclui dados sobre estabelecimentos e vínculos empregatícios da indústria. A partir disso, os resultados foram utilizados para a confecção de mapas e para a organização de quadros que nortearam, empiricamente, a análise teórica a respeito da temática.

Por fim, é importante destacar que o texto está organizado iniciando-se com uma introdução em que expomos, brevemente, o tema de pesquisa, objetivo e metodologia, mas, antes, vamos nos debruçar sobre o que compreendemos sobre a disseminação do modo industrial.

Em outras palavras, a proposta é demonstrar, empiricamente, como um conceito se constrói e se consolida na Geografia. A proposta de conceber a disseminação do modo industrial como uma forma de sustentação do setor produtivo no Brasil (ainda é prematuro estender a ideia para outros países) parte da preocupação que temos em explicar a produção industrial para além dos grandes centros e das áreas consolidadas pelo processo de industrialização que se instaurou no Brasil, principalmente, a partir dos anos 1930 (MAMIGONIAN, 1969). Esse processo caracterizou algumas áreas como o ABC Paulista, o Vale dos Sinos, o Vale do Itajaí, o Vale do Paraíba, entre outras, onde a transformação na divisão territorial do trabalho foi radical e duradoura, produzindo suas paisagens específicas.

No Brasil, o fato industrial está presente em todas as regiões do país, em todos os estados e em centenas de municípios. Não se pode afirmar que em pequenas cidades ele não está presente; ao contrário, como mostraremos mais adiante, há cidades pequenas que têm grande participação do setor produtivo em sua dinâmica econômica. Isso não significa que todas as cidades pequenas que têm alguma empresa local ou estabelecimento industrial apresente, nesse meio, características de indústria avançada, pois a maioria delas se assenta nos ramos tradicionais da indústria, aqueles voltados para os bens de consumo não duráveis, como alimentos e bebidas, e alguns duráveis, como de minerais não metálicos, carrocerias, móveis etc.

A proposta, portanto, é expor os contornos do conceito, tratar de sua verificação empírica e chegar, na síntese, à demonstração de uma totalidade específica que se delineia pela produção industrial. Na segunda parte do texto fazemos uma descrição da quantidade e da localização das cidades pequenas em todo o estado de São Paulo, destacando-as em relação às cidades médias e as diferentes regiões, mostrando a densidade delas mais evidentes em algumas áreas do que em outras. Na terceira parte, levantamos as bases teóricas do conceito de eixo de desenvolvimento, por meio de sua formação histórica e de como o

comportamento dos pequenos municípios é afetado pela maior ou menor proximidade deles. Aí comparece a ideia de disseminação do modo industrial, exposto na primeira parte, como importante para a indústria mais tradicional na produção de bens de consumo não duráveis, principalmente.

As três partes do texto se articulam do ponto de vista geográfico, salientando a formação do complexo cafeeiro, e do ponto de vista quanti-qualitativo, com a localização, por meio da cartografia, das cidades pequenas e sua densidade na rede urbana.

Vamos iniciar pela apresentação e discussão do conceito de disseminação do modo industrial.

À procura de um conceito

A explicação de um fenômeno carrega sua própria limitação. As palavras, muitas vezes, não expressam a conformação que a ideia ganha na mente de quem a formula. As palavras transmitem as ideias, mas ao mesmo tempo, as limitam. Fazem parte do conhecimento e, por meio delas é que se faz o diálogo, seja ele escrito ou falado, entre quem fala e quem ouve. É por isso que, ao propor a ideia de "disseminação do modo industrial", antes é preciso discorrer sobre essas três palavras que formam um conceito completo e complexo. Separadas, elas têm seus próprios sentidos, mas quando articuladas conceitualmente, contêm a proposta que queremos expor.

No dicionário Houaiss (2022)[4], de maneira livre e no plano da definição, a disseminação, substantivo feminino, significa "espalhamento, dispersão", ou ainda "propagação, difusão" e, em termos biológicos, a "dispersão natural de sementes ou esporos na época da maturação". Os significantes mais adequados, queremos lembrar, são dispersão e difusão. Assim, a disseminação ganha contorno no sentido de se difundir, no território, uma forma de apropriação e transformação da natureza, que é a indústria e suas decorrências.

O modo, substantivo masculino, conforme o dicionário Houaiss (2022), tem 16 significados. Alguns mais próximos ao que queremos, como "forma ou variedade particular de algo", "procedimento" ou "forma ou maneira de expressão" ou "jeito possível, usual ou preferido de fazer algo". Quando o significado vem da Filosofia pela herança aristotélica, é compreendido como "forma que o silogismo pode assumir segundo a qualidade (afirmativa ou negativa) e a quantidade (universal ou particular) de suas proposições". Para o cartesianismo, modo significa "cada uma das determinações transitórias e diversificadas das substâncias da natureza, mas ausentes na substância em sentido estrito, Deus, que é uno e imutável" e, para o spinozismo, "cada um dos objetos particulares e mutáveis da realidade, aspectos múltiplos da substância única, infinita e absoluta". Interessa, na composição do conceito proposto, aspectos identificados com a "forma particular de algo" e a relação dialética entre

4 Como a consulta ao dicionário foi feita online, não há o número da página correspondente à citação (entre aspas).

qualidade e quantidade. Deixamos de lado os usos do cartesianismo e do spinozismo por se tratarem de acepções mais filosóficas que não se adequariam aos aspectos econômico-sociais que permeiam a produção industrial.

Finalmente, a palavra industrial é tomada, na conformação do conceito, não apenas ao que é "relativo à indústria", "produzido pela indústria ou industrializado", mas na concepção de que "as indústrias estão desenvolvidas ou disseminadas", de acordo com o dicionário Houaiss (2022). Nesta última referência, o dicionário aproxima a ideia de indústria com a palavra disseminada, trazendo um forte argumento para o que estamos expondo.

Procurando resumir um pouco para chegar, de maneira mais direta ao conceito, podemos afirmar que o modo de disseminação industrial é uma tentativa de mostrar como a atividade industrial, forma como a sociedade se apropria e transforma a natureza para (no sistema capitalista) produzir objetos que se transformam em mercadorias por causa da incorporação de trabalho humano em sua essência, não é algo imóvel territorialmente, mas se consolida por meio das empresas e estabelecimentos. Por sua vez, empresas e estabelecimentos são elementos socioeconômicos e físicos que têm, como características, relações de produção e padrões de localização que obedecem aos tempos da tecnologia e da sustentação por meio de sua própria vitalidade.

Neste ponto cabe um comentário. Sabemos que os termos "modo de disseminação industrial" e "modo capitalista de produção", quando considerada apenas a palavra "modo", homógrafa aos dois significantes, não contêm o mesmo significado, pois queremos dar o conteúdo devido ao modo de disseminação industrial por meio da expansão territorial do número de empresas e estabelecimentos voltadas para as atividades de transformação. Assim, mesmo tendo significantes semelhantes, destacamos a essência dos seus significados, um concernente mais às relações sociais de produção, que é o modo capitalista de produção, e outro concernente, mais propriamente, às atividades de transformação por meio de maior ou menor incorporação tecnológica, levando à distinção entre a apropriação de tecnologias por parte de empresas e estabelecimentos industriais.

O território, enfocado por suas dimensões econômicas, é fundamental para se compreender a disseminação, mas também, devem ser levados em conta o desenvolvimento tecnológico e a relação tempo-espaço presentes na consubstanciação dele. Assim, tanto do ponto de vista vertical (hierarquias que compõem a organização, principalmente, de empresas) e horizontal (relações de fluxos de mercadorias, pessoas e informações de empresas entre si, entre empresas e estabelecimentos e entre estabelecimentos entre si), e que podem ser "perturbadas" quando se conformam novas relações espaciais que subvertem a verticalidade, a localização é relação geográfica que se realiza no território envolvendo diferentes referências (posição, distância, preço do solo, densidade técnica e topografia, como destaque) que dão maior ou menor probabilidade na disseminação.

Por outro lado, a disseminação do modo industrial carrega, em si, a ideia de que o processo de industrialização não é homogêneo em termos regionais, nacionais ou mundiais. O desenvolvimento é desigual e, por isso, a indústria também depende das diferenças trazidas pelos aspectos naturais e socioeconômicos. Do ponto de vista natural, a conformação da superfície terrestre em termos de recursos naturais e relevo e, em termos socioeconômicos, levando-se em consideração a capacidade dos lugares ostentarem maior ou menor densidade técnica e tecnológica. É essa característica que queremos destacar: o conhecimento tácito é mais forte na formação de um empresariado e de força de trabalho com pouco domínio tecnológico avançado, mas por outro lado, com grande capacidade de absorção de conhecimentos anteriores disseminados e incorporados pelo saber prático e repetitivo. De forma mais direta, o conhecimento tácito é aquele que as pessoas ligadas à indústria, sejam os donos do capital ou os que vendem sua força de trabalho, carregam sem se aperceber ou sem organizar, enquanto que o conhecimento explícito é aquele passível de ser documentado ou que as pessoas explicitam conscientemente. O conhecimento tácito está relacionado ao saber-fazer adquirido com o tempo, mesmo que não seja resultado específico da ciência, mas da prática individual ou coletiva resultante da observação, da repetição e da resolução de problemas simples.

Neste caso, há ramos que mais se disseminam do que outros. São aqueles com menor necessidade tecnológica e mais baseados no conhecimento tácito (em outras palavras: conhecimento baseado na experiência, resultante das práticas individuais e da cooperação entre as pessoas). Isso não significa pouca importância desses ramos; por outro lado, são segmentos que necessitam de maior quantidade de mão-de-obra (mesmo que seja menos capacitada tecnologicamente) que se torna um fator preponderante na disseminação porque pode ser encontrada em lugares pouco afeitos à indústria, mas que por ela são atraídos por causa de sua existência. Assim, as cidades pequenas e médias entram como importantes componentes da rede urbana no processo de disseminação nas escalas regional e nacional.

Como aspecto temporal preocupante, é a durabilidade das pequenas e médias empresas que se instauram com o perfil que atende os critérios da disseminação do modo industrial (como já foi demonstrado por Sposito, Azevedo, 2016). O tempo da dimensão produtiva é a medida da remuneração da força de trabalho e, no processo de produção mediado fortemente pela presença de capital variável, ele incide sobre a importância do conhecimento tácito e, por isso, pode se tornar perigosa referência em tempos de crise. Nesses momentos, a consolidação das pequenas empresas se esboroa na falta de consistência de sua base tecnológica e pelas dificuldades que esse tipo de negócio enfrenta em relação à proteção do Estado que, malgrado suas políticas de sustentação e intermediação das atividades econômicas, é peça que se distancia nesses momentos.

Aí resta a ideia do empresário schumpeteriano, de perfil empreendedor que, muitas vezes, é resultado de seu próprio conhecimento sobre os aspectos técnicos de seu ramo de produção. Pessoas que se apropriaram do *savoir-faire* em empresas

consolidadas e organizaram suas próprias empresas, podem disseminar o conhecimento e se estabelecerem no mercado competitivo, mas, se estiverem atrelados ao fornecimento de produtos (peças, por exemplo), serviços e assistências a empresas maiores têm melhores lastros para sua sobrevivência. Só que o tempo é fator que intervém no envelhecimento da tecnologia. Por isso, a renovação da tecnologia é condição importante para a existência das empresas industriais baseadas no conhecimento tácito.

Tal contexto faz lembrar a velocidade contemporânea (tempo e espaço) na difusão de inovações. Em termos de escala, esse processo se manifesta com diferentes intensidades em diferentes territórios. Aqueles com maior densidade tecnológica terão melhores condições para a incorporação, difusão e aperfeiçoamento das inovações. Isso vai incidir na divisão do trabalho, nas novas localizações, no Brasil e no mundo. Considerando a rede urbana, esse fenômeno é importante no nível das pequenas e médias cidades, lembrando que é a atividade industrial que contém a capacidade de produzir mais-valia porque a rede urbana catalisa as atividades econômicas concernentes à divisão territorial do trabalho, tanto em termos de hierarquia quanto de heterarquia urbana.

Enfim, associando elementos como tempo e espaço, hierarquia – ou heterarquia (CATELAN, 2013) – e capacidade tecnológica ou conhecimento tácito, a indústria pode ser disseminada no plano das cidades com menor poder de atração de grandes capitais que, em caminho paralelo, podem ser lugares de um padrão de acumulação que leva à criação de empresas industriais. A heterarquia urbana é exemplificada pelo conjunto de relações econômicas entre as cidades, por meio dos fluxos de informação e de mercadorias, sem se ater, apenas, às relações da menor para a maior cidade (e vice-versa), mas por meio da articulação direta entre uma cidade pequena e uma metrópole, por exemplo, ou entre uma cidade pequena e outras cidades no estrangeiro.

No próximo item vamos analisar como estão, geograficamente, distribuídas as cidades pequenas no estado de São Paulo e suas localizações, em termos de rede urbana, em relação, principalmente, às cidades médias como argumento para se introduzir a discussão do modo de disseminação industrial por meio da produção nas cidades pequenas.

As cidades pequenas no estado de São Paulo

No território paulista é notória a abrangência espacial das cidades pequenas e, em algumas regiões, a sua presença é marcante. Em outras palavras, a maior parte das sedes municipais diz respeito às cidades pequenas.

Na pesquisa que realizamos, são considerados, para amostra, municípios que possuem menos de 50 mil habitantes (JACOBI, 1994; CORRÊA, 1999), analisando essa realidade a partir de suas respectivas sedes (cidades, na definição da legislação brasileira). Isso não significa, por outro lado, que não se deve levar em conta outras

dimensões das cidades para este estudo, mas que o número de habitantes seja um começo para o debate que se pretende desencadear.

É importante frisar que algumas cidades com expressão demográfica menor tendem a possuir, muitas vezes, maior relação com o campo. Borá, por exemplo, na região de Marília, possuía população estimada, de acordo com o IBGE (2022) de 839 habitantes, em 2021[5], e forte ligação com a economia da cana-de-açúcar, o que traz, por conseguinte, implicações diretas na produção do espaço, com a presença na sede municipal de uma população voltada para as atividades agrícolas.

Há outros pequenos centros como Dracena que, em 2021, possuía 47.287 habitantes (IBGE, estimativa, 2022) e contava com atividades comerciais, de serviços e industriais relevantes, tornando-se um centro importante no contexto de sua região imediata, com complexidade de funções. Em Dracena há segmentos industriais de vários tipos, mas pode-se mencionar a indústria moveleira que atende parte do grande varejo nacional e a produção de balanças eletrônicas que são exportadas para vários países (JURADO DA SILVA, 2011).

Nesse contexto, como as cidades pequenas podem ter variedade muito grande de papéis e significados, o texto apoia-se na abordagem de Milton Santos (1982), que qualifica tais centros como aqueles em que há o atendimento das demandas inadiáveis da população. Isto posto, o autor mencionado preferia utilizar a expressão "cidades locais" para denominar as cidades pequenas, sendo que:

> (...) Poderíamos então definir a cidade local como uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações. (SANTOS, 1982, p. 71).

Considerando que as expressões "cidade pequena" e "cidade local" referem-se ao mesmo universo geográfico, vamos seguir com esse caminho analítico por meio do termo "cidade pequena", sabendo que é necessário deixar claro que nessa categoria são incluídas desde aquelas cidades com expressão mais residual até aquelas cujo papel na rede urbana é mais importante, exibindo um gradiente maior de relações e complexidade. Tal postura teórica também é observada em Jurado da Silva (2011), quando o autor destacou que a expressão cidade local pode induzir o leitor a interpretar que todos esses centros são meramente locais quando, na realidade, podem possuir um conteúdo diverso e conexões com outros centros, inclusive na esfera internacional. Em outras palavras: não há um modelo exclusivo de cidades pequenas, há dinâmicas de diversidade nesse universo.

Podemos ter ideia da importância do fenômeno das cidades desse porte no território paulista por meio do Mapa 1. Esse mapa representa justamente a

5 Em 2022, o município de Borá contava com 907 habitantes, nos resultados do Censo Demográfico. No entanto, como não há, ainda, outras informações que podem ser auferidas do Censo (dados quantitativos referentes a renda, por exemplo), vamos continuar a trabalhar com os números da projeção feita, pelo IBGE, em 2022 para o ano de 2021.

distribuição espacial da população segundo patamares demográficos. Observa-se, a partir da leitura cartográfica do referido mapa, que a maior parte das cidades com números superiores aos 50 mil habitantes está situada próxima à área metropolitana de São Paulo, que segue em contiguidade a outra metrópole do interior imediato, que é Campinas (IBGE, 2020) e, da mesma maneira, na direção do Rio de Janeiro, especialmente, pelo eixo rodoviário da Via Dutra.

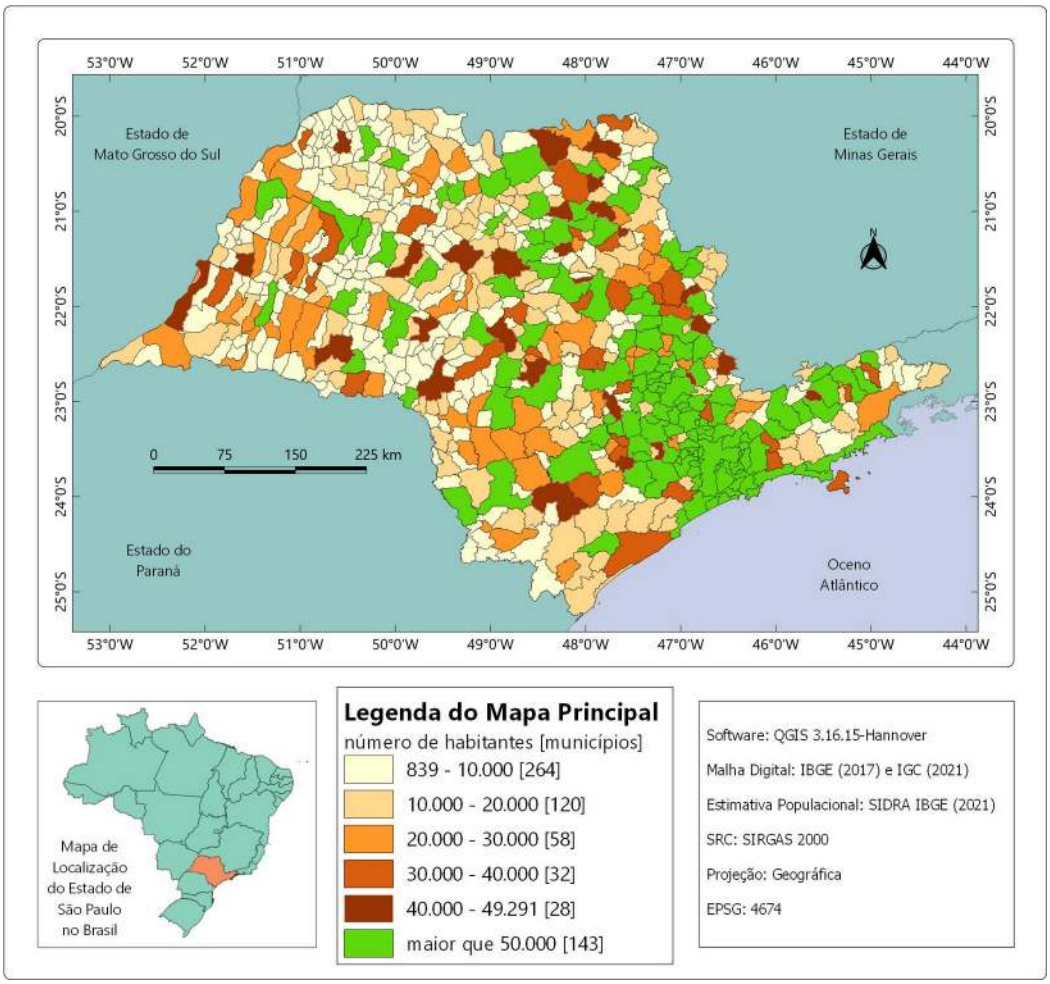
A presença de centros com magnitude superior a 50 mil habitantes no interior mais distante de São Paulo é visível também, sendo alguns desses centros considerados como cidades médias, a exemplo de Marília e São José do Rio Preto, como ressaltaram respectivamente Whitacker (2003) e Zandonadi (2008). Tais cidades concentram atividades econômicas relevantes nos setores industrial e de comércio e serviços, funcionando como centros nodais da rede urbana, para os quais as pessoas das cidades pequenas tendem a se deslocar para estudo, lazer, acessar serviços de saúde especializados e realizar consumo variado.

Conforme estimativas demográficas para o ano de 2021 (IBGE, 2021), eram apenas 143 cidades com números superiores a 50 mil habitantes e o restante situado em estrato menor (vide Mapa 1). Em outras palavras, é preciso pontuar que São Paulo apresenta grande diversidade e desigualdade urbanas.

Quanto mais se afasta espacialmente da capital (em termos de distância quilométrica) menores os quocientes demográficos e maior a presença dos pequenos centros, fato fundamental para a leitura do território. A título de ilustração, apenas a região metropolitana de São Paulo e a de Santos possuíam um total de municípios com população maior de 50 mil habitantes superior ao total daquelas com número inferior a 50 mil habitantes, sendo que esse universo é seguido em outro patamar por regiões como as de Campinas, Sorocaba e São José dos Campos, sendo que Santos não possuía nenhum município nessa categoria e, em regiões como a de Presidente Prudente a exceção é apenas essa cidade, com população superior a 50 mil habitantes.

Cidades localizadas próximas às áreas metropolitanas tendem a possuir um perfil diferente daquelas situadas em áreas em que o agronegócio ocupa lugar de importância na balança comercial, como é o caso de Borborema, cuja população municipal estimada, para 2021, era de 16.278 pessoas, e expunha forte relação com a economia da laranja, do gado e da cana.

Mapa 1. Municípios segundo número de habitantes no Estado de São Paulo, 2021.



Fonte: Os autores (2022).

As cidades paulistas, na sua maior parte, surgiram por meio da exploração de terras rurais, pois elas tinham papel de suporte às atividades desenvolvidas no campo, especialmente, no período do complexo cafeeiro, a que se referiu Cano (2007). Ou seja, para entendê-las no tempo presente é necessário recorrer ao processo de formação socioespacial na qual se originaram, como destacou Milton Santos (1977). Nas palavras do autor:

> (...) é preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da F. E. S., a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações (SANTOS, 1977, p. 84).

Torna-se, dessa maneira, impossível fazer uma leitura do espaço sem a dinâmica do tempo, sendo estas dimensões indissociáveis. Para ler o território paulista, portanto, é essencial essa articulação e o complexo cafeeiro torna-se elemento central para interpretar o povoamento e a consolidação econômica do estado, o que envolve, necessariamente, as cidades pequenas.

Fato é que, apesar de o café ter possibilitado o nascimento de diversos municípios por meio de uma economia pujante no final do século XIX, até à primeira metade do XXI, poucas regiões mantiveram esse tipo de lavoura. Depois da quebra da bolsa de Nova York, em 1929, do esgotamento do solo, da queda nos preços e da influência das geadas, esse produto deixou de ser atrativo aos agricultores, como destacou Gil (2007), no caso da Nova Alta Paulista.

Assim, no começo do século passado a economia do café associada à instalação de ferrovias favoreceu o processo de ocupação e dinamização territorial do estado de São Paulo. O nascimento de cidades e de novas regiões possibilitou o apoio necessário para que a população pudesse se fixar em locais mais afastados da capital. As cidades eram centros de sustentação de serviços e comércio capazes de abastecer o campo, com os bens e mercadorias vindas de outras áreas, bem como impulsionando as atividades industriais iniciais.

Sobre essa dinâmica, Monbeig (1984, p. 359) descreveu para aquele período que:

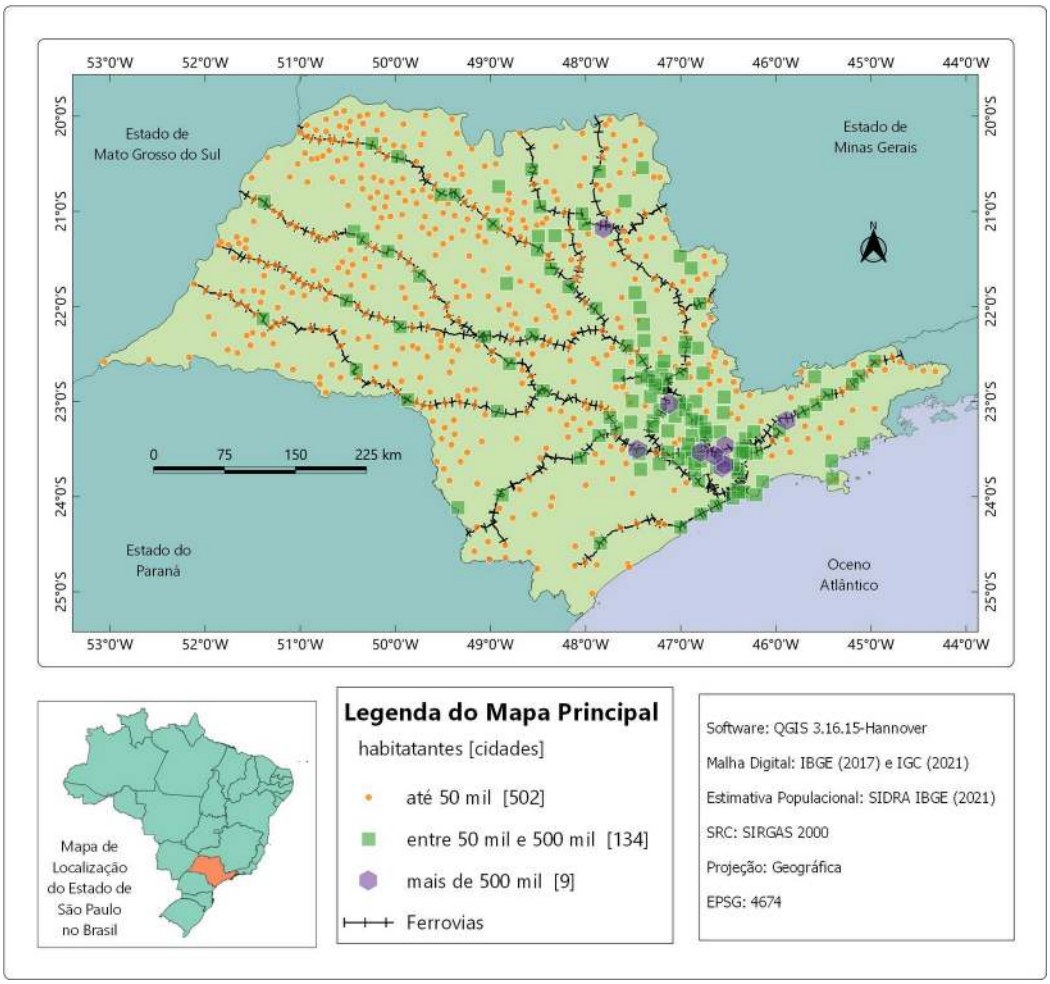
> (...) Mede-se a progressão da cidade por transformações menos ruidosas, porém, duráveis. Grande passo é dado com a instalação de estabelecimentos industriais. Os pioneiros a instalar-se são as serrarias, rapidamente seguidas pelas máquinas de despolpar café, descascar arroz e descaroçar algodão. Ligam-se todas essas indústrias à produção rural e a presença delas robustece tanto mais a solidariedade da cidade com o campo, quanto os donos das máquinas são ao mesmo tempo os banqueiros dos pequenos plantadores.

Em geral, tais atividades eram vinculadas às chamadas capitais regionais que davam apoio ao processo de colonização, em suas respectivas franjas de influência pioneira, sendo os centros urbanos aqueles que concentravam relativa importância industrial e alguma complexidade (MONBEIG, 1984, p. 364-365). Tais centros amealharam uma condição diferenciada na rede urbana, alcançando papel de mediação, como as cidades médias. As cidades dessa magnitude não podem, no entanto, ser observadas isoladamente, mas no contexto de sua rede urbana mais próxima (sem desconsiderar a escala estadual), constituída, em sua maior parte, por cidades pequenas, cujas atividades complementam aquelas das cidades médias mais importantes e mais próximas. Embora Monbeig (1984) se refira à constituição histórica do complexo cafeeiro (pois seu estudo chega, temporalmente, à década de 1950), suas conclusões são importantes para que tenhamos a dimensão relativa do papel das cidades médias sem desconsiderar as pequenas, que em seu livro estão bem exemplificadas.

O Mapa 2 auxilia a compreender o território paulista, associando a perspectiva demográfica ao traçado dos eixos ferroviários do Estado. A ferrovia exerceu uma condição fundamental para o desenvolvimento urbano e as cidades que não eram

servidas pela linha férrea pouco prosperaram em termos demográficos posteriormente, com poucas exceções.

Mapa 2. A presença do eixo ferroviário e a dimensão demográfica em São Paulo.



Fonte: Os autores (2022).

O acesso ao traçado férreo, com estação própria, em termos municipais, de certa maneira, condicionou o crescimento urbano e econômico dos núcleos urbanos. Entretanto, com o avanço das rodovias no Estado e com o processo de privatização das ferrovias, esse eixo de expansão econômica acaba perdendo o *status* que, outrora, possuía.

Já com o passar do tempo, as rodovias vão ganhando, então, nas décadas de 1970 e 1980, papel central na remodelação do território. Junto ao traçado desses eixos, linhas de fibra óticas são instaladas (notadamente, a partir da década de 1990) e novos vetores da produção econômica e industrial surgem. Tal quadro influencia, mas não determina novos processos de crescimento econômico que não devem ser enxergados isoladamente, mas em articulação com a política econômica e a dinâmica corporativa, o que inclui o movimento da sociedade e as contradições decorrentes do processo de apropriação e transformação do território.

Ademais, pode-se escrever sobre um interior com densidade técnica menor, em termos de atividade econômica e industrial, se comparado à capital. Em São Paulo estão localizadas as principais sedes das instituições bancárias do país, bem como as sedes corporativas das empresas de tecnologias da informação e comunicação, além daquelas do setor industrial. Nesse contexto, há um processo de centralização do capital e do comando na capital, mas não de uma interiorização da indústria, em sentido amplo como alertou Lencioni (1994, 1999).

Outra leitura possível, no entanto, é a seguinte: apesar da centralização do comando do capital na cidade de São Paulo, o interior do estado (principalmente aquele representado pelas cidades médias) está perfeitamente condicionado a receber filiais de grandes empresas e estabelecimentos industriais de empresas localizadas na capital, obedecendo a um processo de disjunção produtiva que busca as cidades do interior. E esse interior está apto a receber empresas e estabelecimentos industriais, e a criar empresas e estabelecimentos industriais porque é produto e conteúdo da dinâmica consolidada pelo complexo cafeeiro. O processo, neste caso, pode ser considerado de "mão dupla", com a capital se beneficiando da centralização característica do capitalismo industrial brasileiro e o interior se favorecendo pelas novas estratégias de localização e das possibilidades de acumulação de capital e de domínio tecnológico, seja do ponto de vista da criação de novos meios ou no nível do conhecimento tácito.

As cidades pequenas no contexto da disseminação do modo de produção industrial

Refletindo sobre o interior paulista, Sposito (2005) argumentou sobre a produção dos chamados "eixos de desenvolvimento" no interior paulista, responsáveis pela maior atração industrial nos últimos trinta anos, isto é, a partir da instalação às margens das principais rodovias, em proximidade à capital São Paulo, albergando, por outro lado, estruturas de fibra ótica relacionadas às atividades de sustentação tecnológica, e articulação com o modal aeroviário e portuário. O Mapa 3 ilustra tal cenário e nele se pode observar que, quanto mais próximo à capital paulista, maior o quociente demográfico definido pela escala municipal.

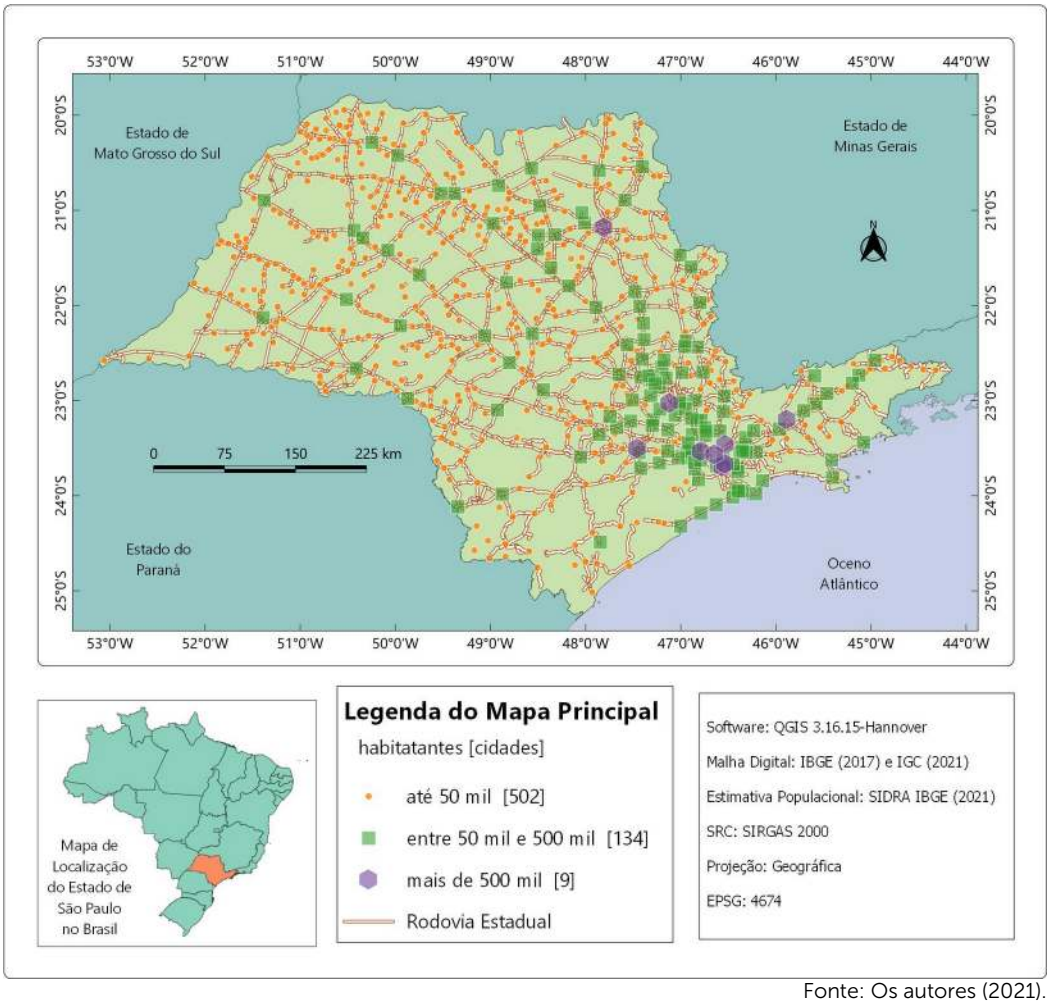
Conforme a leitura de Sposito (2005), no conjunto dessas rodovias se expressa um importante vetor de atração industrial, com grande peso do valor de transformação industrial (VTI), sobretudo em uma grande área que dista em torno de 150 a 250 quilômetros em relação à capital, por onde passam os eixos e, assim:

> (...) partindo-se da Região Metropolitana de São Paulo rumo ao interior paulista, verifica-se a existência dos seguintes eixos: aquele definido pela Via Dutra (BR 116) com destaque para Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá; o eixo São Paulo-Sorocaba mediado pela Rodovia Castelo Branco (SP 280); o eixo servido pela Via Anhanguera (SP 348), o qual possui centros industriais importantes como Jundiaí, Campinas e Americana desdobrando-se ao longo da Rodovia Washington Luís (SP 310)

> que abriga importantes cidades tais como Limeira, Rio Claro, São Carlos, Araraquara e Matão, chegando a São José do Rio Preto. (SPOSITO, 2005, p. 66).

Tratam-se de rodovias extremamente modernas, com fácil escoamento da circulação. São pistas duplicadas que conectam áreas urbanizadas, favorecendo a instalação de centros de logística, condomínios empresariais, distritos industriais, tanto de grandes empresas físicas quanto das companhias relacionadas ao comércio eletrônico (FINATTI, 2011; SANTOS, 2019). Tais mudanças se relacionam ao processo de reestruturação produtiva e ao regime de acumulação flexível em curso, o que tem implicações diretas no arranjo da rede urbana e do conjunto de interações socioespaciais entre pequenas, médias e grandes cidades.

Mapa 3. Eixos rodoviários no estado de São Paulo e a localização dos municípios, 2021.



Fonte: Os autores (2021).

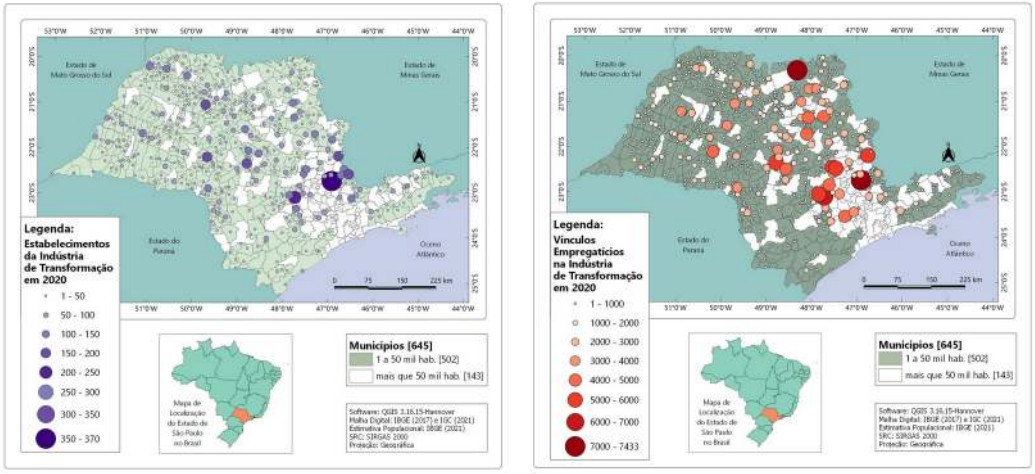
Com isso, quando se leva em conta, por exemplo, a indústria de transformação verifica-se que ela tem presença nesses eixos, mas que cada vez mais as cidades pequenas do interior também ganham importância nesse quadro, como ilustra o Mapa 4, em que são trabalhadas a distribuição espacial dos estabelecimentos e dos vínculos empregatícios nessas localidades. Observa-se maior densidade de municípios com número de estabelecimentos e vínculos empregatícios (em cidades

com até 50 mil habitantes) nas proximidades da capital e em direção ao norte do estado. Isso não obscurece o número de pequenas cidades ao longo das linhas definidas, inicialmente, pelas ferrovias e, num segundo momento histórico da formação socioespacial, pelas rodovias e infovias, nas direções noroeste e oeste do estado.

Quando se analisam os ganhos e perdas dos vínculos empregatícios na indústria de transformação, na dinâmica das cidades pequenas (Mapa 5), constata-se uma tendência à ampliação de grande parte dos vínculos nesses centros. Alguns espaços têm apresentado perdas, a exemplo de parte do Oeste Paulista e na porção do Vale do Ribeira, regiões que, historicamente, têm demonstrado menor crescimento econômico no estado, o que ressalta as contradições e desigualdades no território.

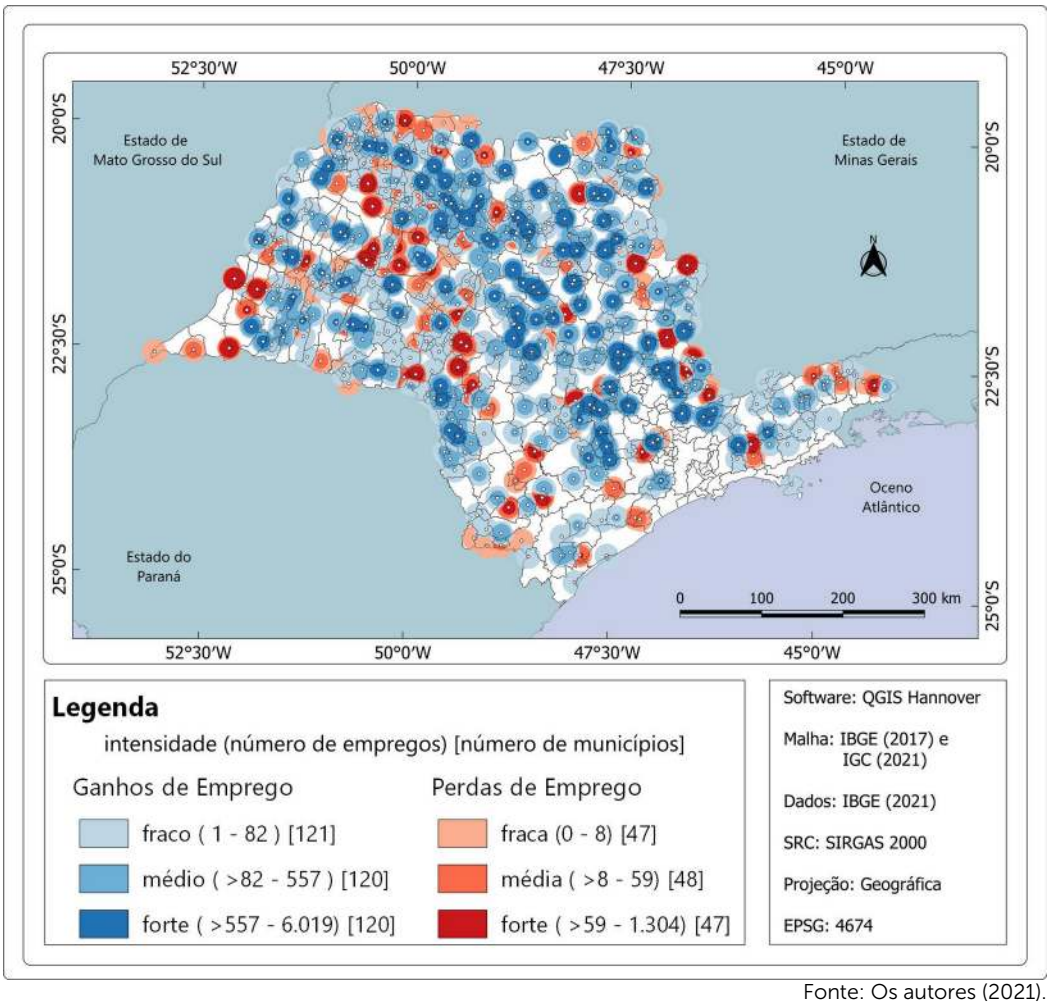
Seguindo a mesma tendência, é possível observar que há municípios, no leste do estado, na área da metrópole paulista e na direção norte (áreas que têm considerável densidade industrial), perderam, relativamente, vínculos empregatícios ligados à indústria (Mapa 5).

Mapa 4. Distribuição dos estabelecimentos e de vínculos empregatícios da indústria de transformação nas cidades até 50 mil habitantes no Estado de São Paulo (2020).



Fonte: Os autores (2021).

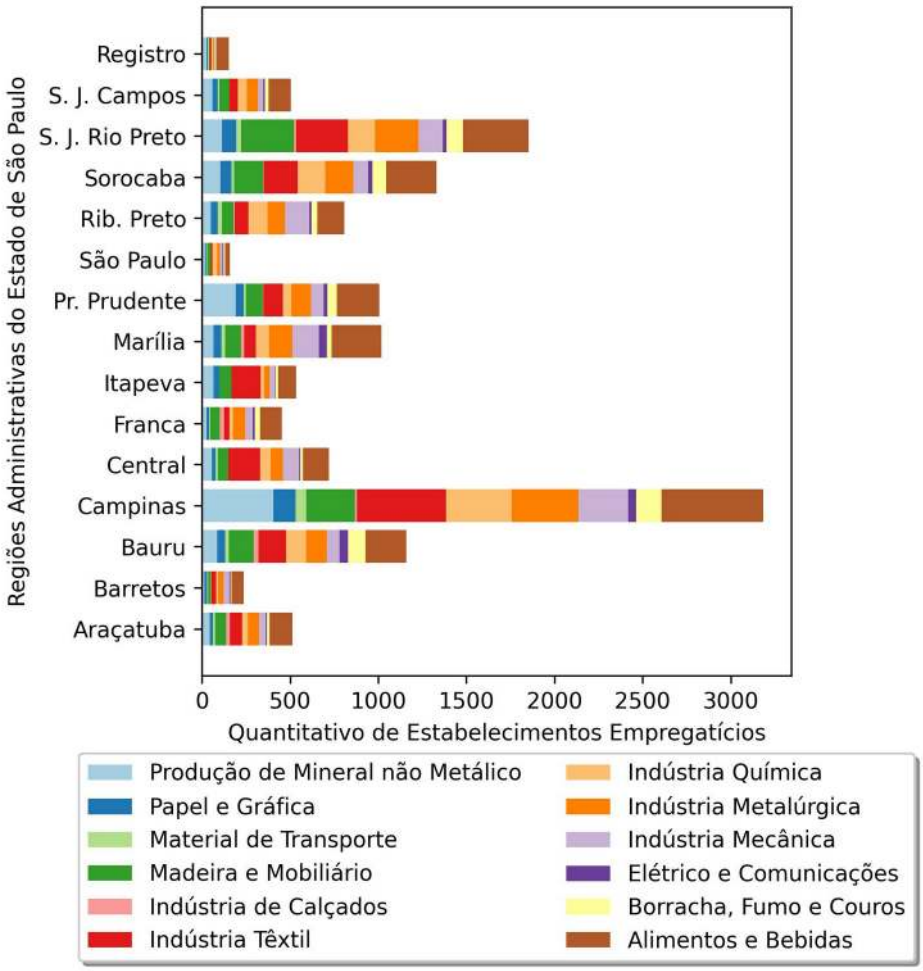
Mapa 5. Ganhos e perdas de vínculos empregatícios na indústria de transformação das cidades com até 50 mil habitantes no Estado de São Paulo (2002 a 2020).



Fonte: Os autores (2021).

Assim, enquanto há uma tendência industrializante nas áreas contíguas às metrópoles de Campinas e São Paulo (com as exceções citadas no parágrafo anterior), o interior mais afastado denota um outro padrão, isto é, aquele em que a expressão da disseminação do modo de produção é difundido de forma contraditória, apresentando, portanto, menor intensidade e outra dinâmica econômica (vide Gráfico 1).

Gráfico 1. Estabelecimentos Empregatícios distribuídos segundo os segmentos da Indústria de Transformação do IBGE para os municípios com até 50 mil residentes, nas Regiões Administrativas do Estado de São Paulo (2020).



RA*: Regiões Administrativas do Estado de São Paulo.

Fonte: Organizado pelos autores a partir dos dados disponibilizados pela RAIS.

Os subsetores da indústria nas cidades pequenas, como demonstrado no Gráfico 1, são aqueles orientados, principalmente, à produção de alimentos e bebidas, com destaque para as regiões de Campinas, São José do Rio Preto, Sorocaba e Marília, indústria têxtil Campinas e São José do Rio Preto. Ou seja, segmentos tradicionais da indústria que não apresentam um grau de complexidade elevada, o que justifica o argumento apresentado nesse trabalho, isto é, uma difusão/disseminação da indústria, em grande parte do interior paulista, sem que isso tenha gerado economias de urbanização e de escala, na maior parte dos casos. Embora, é necessário frisar, que outros subsetores também estão presentes nas cidades pequenas, embora não sejam preponderantes.

Enquanto a capital e adjacências apresentam maior volume populacional e expressão econômica, o interior apresenta grande número de cidades pequenas e magnitude econômica menor. Isso não nega a importância da indústria ou dos empregos; pelo contrário, transforma essa característica na antítese da industrialização adensada, comumente observada junto à área metropolitana e

adjacências, pela via dos eixos ou do espraiamento areal ou zonal. Em resumo, podemos afirmar que há a disseminação do modo de produção industrial.

Consequentemente, nos eixos conformados pelas rodovias, os ganhos são visíveis e, naquelas cidades pequenas mais afastadas deles, a perda de estabelecimentos e empregos mostra, em alguns casos, tendência à estagnação ou depressão econômica em municípios que, em alguns casos, durante o complexo cafeeiro, tiveram importância com as indústrias de primeiros processamentos de produtos agrícolas. Esse fato deve ser compreendido como efeito-causa da disseminação do modo de produção industrial, em escala inferior à dimensão da industrialização histórica das áreas centrais, em termos econômicos e populacionais.

Considerações finais

Podemos iniciar nossas considerações finais como iniciamos o texto: o conceito se constrói com comprovações empíricas. É na realidade que ele se assenta. A disseminação do modo industrial ocorre sem direção única (ou seja, pela concentração da riqueza e do comando do capital na metrópole) mas, como o interior de São Paulo é pleno de tempos acumulados desde o complexo cafeeiro, ele tem as condições objetivas para: a) comportar a acumulação que possibilita o surgimento de indústrias de transformação em diferentes magnitudes (grandes, médias ou pequenas) e tipos (alimentação, vestimentas, minerais não metálicos, móveis etc.); b) ter relações heterárquicas entre as cidades pequenas e metrópoles ou, mesmo, com cidades de países estrangeiros.

Se a produção industrial nas cidades pequenas não é, quantitativamente, comparável à da metrópole ou das cidades médias, não se pode negar que ela existe. A presença de estabelecimentos industriais leva à criação de empregos que, descontada a mais-valia retirada da remuneração da força de trabalho, permite a circulação de parte da riqueza produzida nas cidades pequenas, além da quantidade (importante) relativa aos pagamentos de pensões pelo Estado (aspecto que não se liga, diretamente, à produção industrial, mas ao consumo de produtos industrializados, entre outros elementos pertinentes ao cotidiano da população).

Como a rede urbana não é uma estrutura estática no território, ela contém tempos e ritmos diferentes de acordo com sua constituição (como afirmamos anteriormente, as cidades pequenas localizadas mais próximas dos eixos de circulação e próximas das cidades médias têm maior dinamicidade econômica comprovada pelo número de estabelecimentos industriais e de empregos) que foram se combinando ao longo da história no interior do estado de São Paulo. Essas características demonstram a dinamicidade e a importância do território como catalisador para o fato industrial e abrem possibilidades para estudos futuros e novas interpretações.

Bibliografia

BOUDEVILLE, J. R. (Coord.) ***L'espace et les pôles de croissance***. Paris: Presses universitaires de France, 1967.

CANO, W. ***Raízes da concentração industrial em São Paulo***. Campinas: UNICAMP/IE, 2007.

CATELAN, M. J. ***Heterarquia urbana***: interações espaciais e interescalares e cidades médias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

CORRÊA, R. L. Globalização e Reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. ***Revista Território***, Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, v. 6, n. 6, p. 43-53, jan. - jun., 1999.

FINATTI, R. ***Condomínios empresariais nas áreas metropolitanas do estado de São Paulo: produção imobiliária e localização da indústria.*** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo.

GIL, I. C. ***Nova Alta Paulista, 1930-2006***: entre memórias e sonhos. Do desenvolvimento contido ao projeto político de desenvolvimento regional. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Presidente Prudente.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. ***Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa***. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>. Acesso em: 7 mai. 2022.

IBGE. ***Regiões de influência das cidades 2018 (REGIC)***. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE. ***Cidades***: Borá. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bora/panorama>. Acesso em: 16 jan. 2022.

IBGE. ***Cidades***: Borborema. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/borborema/panorama>. Acesso em: 9 jan. 2022.

IBGE. ***Cidades***: Dracena. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/dracena/panorama>. Acesso em: 9 jan. 2022.

JACOBI, P. Causas recientes del crescimiento urbano actual de América Latina y las tendencias de corto plazo. In: CHORNET, A. P. (Org.). ***Las ciudades de América Latina***: problemas y oportunidades. Valencia: Universitat de Valencia, 1994, p. 73-80.

JURADO DA SILVA, P. F. ***Cidades pequenas e indústria***: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. 282 f., Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. ***Espaço & Debates***, vol. 38, no 14, pp. 54-61, 1994.

LENCIONI, S. Mudanças na metrópole de São Paulo e transformações industriais. In: SPOSITO, E. S. (Org.) ***Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades***. 1 ed. Presidente Prudente: UNESP/FCT: GAsPERR, 1999, p. 115-136.

MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. ***Boletim do Departamento de Geografia***, Presidente Prudente, nº 2, pp. 55-63, 1969.

MATUSHIMA, M. K.; SPOSITO, E. S. A dinâmica econômica no Estado de São Paulo: do paradigma de área ao paradigma de eixo de desenvolvimento. In: SILVA, J. M. P. da, SILVEIRA, M. R. (Coord.) ***Geografia econômica***: temas regionais, Presidente Prudente, FCT/UNESP/PPGG, pp. 187-216, 2002.

MONBEIG, Pierre. ***Pioneiros e fazendeiros de São Paulo***. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

PERROUX, F. Les investissements multinationaux et l'analyse des pôles de développement et des pôles d'intégration. ***Tiers-Monde***, t. 9, n° 34, pp. 239-265, 1968.

SANTOS, R. R. dos. ***Indústria, território e desenvolvimento desigual na Região Metropolitana de Campinas: tendências e modificações recentes.*** 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo.

SANTOS, M. ***Sociedade e espaço***: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 54, p. 81-97, jun. 1977.

SANTOS M. ***Espaço e sociedade***: ensaios. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SPOSITO, E. S.; AZEVEDO, F. F. de. A disseminação do modo industrial em São Paulo e no Rio Grande do Norte: o tempo e o espaço em questão. ***Revista Formação***, vol. 1, nº 23, p. 133 – 157, 2016.

SPOSITO, Eliseu Savério. Dinâmica econômica, fluxos e eixos de desenvolvimento. Avaliação da construção de uma temática. In. SPOSITO, E. S (Org.). *Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática*. Presidente Prudente: UNESP/FCT/GAsPERR, 2005, p. 53-83.

SPOSITO, E. S. Desenvolvimento regional: para além da região. In: PASSOS, M. M. ***As novas geografias dos países de língua portuguesa***: paisagens, territórios e política no Brasil e em Portugal. São Paulo: Outras Expressões, 2014, p. 469-492.

SPOSITO, M. E. B. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização, ***Geografia***, v. 35, n.1, pp. 51-62, 2010. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2016/03/SPOSITO-Novas-Redes-Urbanas-1.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2022.

SPOSITO, M. E. B.; SPOSITO, E. S. Articulação entre múltiplas escalas geográficas: lógicas e estratégias espaciais de empresas. ***GEOUSP*** (USP), v. 21, p. 462-479, 2017.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (Org.). ***Cidades médias. Produção do espaço urbano e regional.*** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SUZIGAN, W. ***Indústria brasileira***: origem e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

WHITACKER, A. M. ***Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto.*** Presidente Prudente, 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente.

ZANDONADI, J. C. ***Novas centralidades e novos habitats: caminhos para a fragmentação urbana em Marília (SP).*** 2008. 236 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96729>. Acesso em: 5 mai. 2022.

Dissemination of the industrial mode in small towns in the state of São Paulo

Understanding small towns is a fundamental fact for reading the Brazilian territory, which houses a significant number of municipalities with this characteristic. Different studies have been undertaken in the area, which this present study expands by demarcating this conceptual understanding, taking into account the socio-spatial reality of São Paulo. Thus, the main objective of this text is to debate small towns, based on the conceptual idea of dissemination of the industrial production mode. To this end, the research consisted of a survey and bibliographic review, collection and analysis of secondary data on the subject (especially establishments and industry links). The results emphasize that the presence of industrial establishments in small towns is a remarkable fact, but the characteristics related to this dynamic, present particular constraints that need to be better taken into account.

KEYWORDS: small towns, dissemination of industrial production, territory, São Paulo, industrial establishments.

Difusión del modo industrial en pequeñas ciudades paulistas

Comprender las ciudades pequeñas es un hecho fundamental para la lectura del territorio brasileño, que alberga un importante número de municipios con esta característica. Diferentes estudios se han llevado a cabo en esta área, algo que el presente estudio amplía al demarcar esta comprensión conceptual, teniendo en cuenta la realidad socioespacial de São Paulo. Por lo tanto, el objetivo principal de este texto es discutir las ciudades pequeñas, a partir de la idea conceptual de la difusión del modo de producción industrial. Para ello, la investigación consistió en el levantamiento y revisión bibliográfica, la recolección y análisis de datos secundarios sobre el tema (especialmente, establecimientos y vínculos de la industria). Los resultados destacan que la presencia de establecimientos industriales en las ciudades pequeñas es un hecho notable, pero que las características relacionadas con esta dinámica presentan condicionantes particulares que necesitan ser mejor considerados.

PALABRAS CLAVE: ciudades pequeñas, difusión de la producción industrial, territorio, São Paulo, establecimientos industriales.

Artigo recebido em abril de 2023. Aprovado em junho de 2023.